

PREFÁCIO

Lev Tolstói trabalhou no seu romance *Anna Karénina* durante cinco anos, de 1872 até 1877. O romance foi publicado, por partes, na revista *Rússki Véstnik* («Mensageiro Russo») entre Janeiro de 1875 (menos a última parte do romance, a oitava, que a revista se recusou a publicar por divergências ideológicas entre Tolstói e a redacção; saiu como edição à parte) e, ainda antes da saída dos primeiros capítulos, entre o público leitor correram vozes de que o famoso escritor ia apresentar, no seu novo livro, uma crítica muito forte à moderna aristocracia russa. A partir daqui, o interesse não parou de crescer a cada novo número da revista com o texto do romance. *Anna Karénina* tornou-se, assim, um fenómeno literário sensacional ainda antes de ter sido acabado e, quando em 1878 apareceu a primeira edição separada, foi um verdadeiro *bestseller* — logo no primeiro dia, uma das livrarias vendeu 500 exemplares.

Depois de *Guerra e Paz* (escrito entre 1863 e 1869), grande epopeia sobre o passado descrevendo e interpretando acontecimentos históricos que o autor conheceu de fontes documentais e depoimentos de testemunhas, Tolstói cria desta vez um livro em que reproduz e analisa a vida contemporânea, o estado da sociedade após uma década de reformas (a mais importante das quais foi a abolição da servidão da gleba em 1861), com mudanças profundas não só na área económica, social e cultural, mas também na psicologia dos homens, individual e colectiva. Ou seja, não se trata de um puro «romance de amor» e muito menos de, simplesmente, um «romance sobre o adultério».

Embora *Guerra e Paz* fosse dedicado a acontecimentos da guerra em defesa da pátria, da qual o povo saiu vencedor, enquanto em *Anna Karénina* a ideia inicial, muito importante para o autor, fosse a «ideia da família», como ele afirmou, estes dois livros possuem sem dúvida uma característica comum: ambos são romances «enciclopédicos» em que o escritor cria um amplo panorama da vida da sociedade. No primeiro (o seu verdadeiro título é *Guerra e Sociedade*, sendo que o erro de tradução

provém da homonímia criada pela reforma ortográfica nos tempos soviéticos) vemos a repercussão da catástrofe nacional em todos os estratos da sociedade russa, catástrofe que revelou os pontos fracos e os pontos fortes da Rússia, enaltecendo tudo o que de mais saudável existia na nação. No segundo, o drama da família com os seus problemas morais e toda a procura de um ideal para a vida em matrimónio não aparece delimitado mas em franca ligação com o sistema geral da vida, dos hábitos, novos ou já caducados, com o sistema de valores, «verdadeiros» e «falsos», com os conceitos éticos e religiosos.

Em *Anna Karénina*, Tolstói pinta um panorama mais actual, literalmente um quadro «do dia» da sociedade russa, abrangendo diferentes estratos da população, instituições públicas, actividade social, tendências ideológicas, polémicas económicas, políticas e sociais. Além disso, o romance está cheio de pormenores autobiográficos, de reflexões filosóficas e éticas do próprio autor — nos anos de trabalho em *Anna Karénina* Tolstói não fez apontamentos nos diários: «Escrevi tudo em *Anna Karénina* — dizia ele. — Não tinha mais nada para dizer.» (*Obras Completas*, v. 62, p. 240). Amigos, familiares, camponeses das suas terras, várias pessoas que o escritor conhecia tornaram-se, em maior ou menor grau, protótipos das suas personagens. Assim, tanto Kitty como Dolly lembram, pelo seu carácter e dedicação à família, a mulher do escritor, Sófia Tolstaia (Behrs em solteira). Na descrição da família Cherbátski, segundo o testemunho de Serguei Tolstói, filho do escritor, há muitos traços da família dos Behrs. O protótipo de Steve Oblónski é apontado como sendo Vassíli Perfíliev, marido de uma prima de Tolstói; o de Karénin, Mikhaíl Sukhótin, «homem sensato» e *Kammerherr* da corte, com um drama familiar semelhante ao da personagem de Tolstói (o nome «Karénin» provém da palavra grega «karenon», cabeça — o raciocínio, neste carácter, predomina sobre o sentimento); o protótipo de Vrónski podia ser, por um lado, Nikolai Raévski, voluntário na guerra sérvia e que morreu em combate, e por outro o famoso poeta russo Aleksei Konstantínovitch Tolstói que durante doze anos viveu com Sófia Miller, senhora casada à espera do divórcio, que abandonara a família por ele. Em Nikolai Lióvin, Tolstói reproduziu muitos traços e factos da biografia do seu próprio irmão Dmítri. A personagem central do romance foi buscar o seu nome de Anna (nos rascunhos iniciais chamava-se Tatiana) a Anna Pirogova que, em resultado de uma história de amor infeliz, se atirou sob as rodas de um comboio — aconteceu em 1872, perto da herdade de Tolstói. Mas o aspecto físico de Anna Karénina (caracóis pretos, andar ligeiro, figura cheia mas esbelta e elegante) foi retratado de Maria Gartung, filha de Aleksandr Púchkin, que Tolstói conheceu em casa de amigos.

O apelido de outra personagem central, Konstantin Lióvin, foi formado a partir do nome próprio do escritor (Liov, assim lhe chamavam amigos e familiares). A imagem de Lióvin transporta em si, indubitavelmente, muitos traços autobiográficos, embora não possa ser considerada um auto-retrato fiel do escritor. Serguei Tolstói observa nas suas memórias: «O meu pai copiou Konstantin Lióvin, pelos vistos, de si próprio, mas só uma parte do seu “eu” e que não era a melhor» (Serguei Tolstói, *Esboços do Passado*). Sófia Tolstaia tinha a mesma opinião, dizendo ao marido: «Lióvotchka, tu és Lióvin mais o talento. Lióvin é um homem insuportável.» Muitos episódios foram tirados da biografia do escritor (cenas do trabalho de gadanheiro, a conversa entre Lióvin e Kitty, escrita a giz sobre a mesa, o diário com a confissão de pecados dado por Lióvin à noiva, cenas de caça, paixão pela apicultura etc.).

Neste romance, o mais notável e indiscutível elemento autobiográfico consiste porém nas buscas espirituais e morais atribuídas a Konstantin Lióvin, que mais tarde, em 1879-1880, serão em parte reproduzidas por Tolstói no seu livro *A Confissão*.

Dos testemunhos citados acima, do que acontece sempre numa obra de ficção, onde o biográfico passa sempre pelo crivo da fantasia e da liberdade criadora, verifica-se no entanto: Lióvin não é o auto-retrato de Tolstói, as personagens não são retratos de alguém em particular mas sim compósitas, criadas de várias peças e pessoas para darem credibilidade e consistência à ficção que é o romance *Anna Karénina*.

As ideias deste romance que, logo de início, teve um êxito enorme entre o público leitor, não foram compreendidas pela crítica daquela época, que viu nele, apenas, uma de duas coisas: ou a crítica à alta sociedade, ou o enaltecimento da cultura da mesma. Fora deste acervo de opiniões que resumiam a obra de Tolstói ao «escrito de alta-roda» e à «arte dos salões», destaca-se contudo uma análise crítica mais séria, multifacetada e profunda do novo romance de Tolstói: a de Fiódor Dostoiévski. Dedicou-lhe vários artigos, analisando dois lances de enredo principais: o primeiro, em que a personagem central é Anna Karénina e o seu drama; e o segundo, em que prevalece Lióvin com as suas buscas, incertezas e convicções. No artigo intitulado «*Anna Karénina* como um facto de importância especial» caracterizou o romance como uma grande e inédita obra literária:

«[...] *Anna Karénina* é, como obra de arte, uma perfeição surgida muito oportunamente, e de tal forma o é que nada tem de comparável nas literaturas europeias da nossa época; além disso, também pela sua ideia, apresenta um fenómeno nacional, *nosso*, precisamente o fenómeno que constitui a nossa peculiaridade em comparação com o mundo europeu, que consubstancia a nossa “nova palavra” nacional ou, pelo menos, o iní-

cio desta palavra — exactamente a palavra que não se ouve na Europa e de que esta, apesar de todo o seu orgulho, tem grande necessidade. Não posso dedicar-me aqui à análise literária e vou dizer apenas umas poucas palavras. Em *Anna Karénina* é descrito o ponto de vista sobre a culpabilidade e a criminalidade humanas. Fala-se de pessoas em condições anormais. O mal precede-as. Apanhadas no torvelinho da mentira, as pessoas cometem um crime e, inelutavelmente, perecem: como se vê, é uma reflexão sobre um dos temas europeus mais antigos e predilectos. No entanto, como se resolve semelhante problema na Europa? Ali, resolve-se, por todo o lado, de duas maneiras. A primeira solução: a lei foi dada, escrita, formulada, formada durante milénios. O mal e o bem foram definidos, pesados, as suas dimensões e os seus graus foram determinados historicamente pelos sábios da humanidade, por meio de um trabalho incansável sobre a alma humana e do alto estudo científico da força que une a humanidade na sua convivência. É prescrito que este código elaborado seja seguido cegamente. Quem não o seguir, quem o transgredir vai pagar com a sua liberdade, os seus bens, a sua vida, vai pagar directa e desumanamente. “Sei bem — diz a própria civilização europeia — que isto é cego e desumano, e impossível, já que não se pode elaborar uma fórmula definitiva da humanidade a meio do seu caminho, mas, como não há outra saída, é necessário cumprir o que está escrito, fazendo-o à letra e desumanamente; sem isto, será ainda pior. Ao mesmo tempo, apesar de toda a anormalidade e de todo o absurdo de organização daquilo a que chamamos a nossa grande civilização europeia, que as forças do espírito humano permaneçam sãs e salvas, que a sociedade continue inabalável na sua fé no caminho da perfeição a seguir, que não se atreva a pensar que o ideal do belo e elevado se obscureceu, que a noção do bem e do mal se deturpou e desfigurou, que a normalidade está a ser substituída, permanentemente, pelo convencionalismo, que a simplicidade e a naturalidade morrem, oprimidas pela mentira que não deixa de se acumular!” Outra solução é a contrária: “Como o sistema da sociedade é anormal, não se pode responsabilizar os indivíduos pelas consequências. Portanto, o criminoso não é responsável, e o crime, por enquanto, não existe. Para acabar com os crimes e a culpabilidade humanos é preciso acabar com a anormalidade da sociedade e do seu sistema. Mas, como remediar a ordem das coisas existente leva muito tempo e não dá resultados, e também o remédio não foi encontrado, é necessário destruir toda a sociedade e varrer à vassourada todo o velho sistema. E a seguir começar tudo de novo, em princípios diferentes, ainda desconhecidos, mas que, em qualquer caso, não podem ser piores do que o sistema actual, antes pelo contrário, têm muitas probabilidades de êxito. A esperança principal assenta agora na ciência.” Portanto, é esta a segunda solução: ficar à espera do futuro

formigueiro e, por enquanto, inundar o mundo de sangue. O mundo da Europa Ocidental não sugere outras soluções relativamente à culpa e ao crime humanos.

Ora, do ponto de vista do escritor russo sobre a culpa e o crime dos homens transparece claramente que nenhum formigueiro, nenhuma vitória do “quarto estado”, nenhuma eliminação da pobreza, nenhuma organização do trabalho salvarão a humanidade da anormalidade e, por conseguinte, da culpa e do crime. Tudo isto foi expresso [em *Anna Karénina*] através de uma gigantesca elaboração da alma humana, de modo extraordinariamente profundo e forte, com um realismo de apresentação artística inédita, até hoje, entre nós. Fica claro e evidente que o mal reside na humanidade em profundezas maiores do que supõem os esculápios socialistas, que nenhum sistema social permite evitar o mal, que a alma humana continuará a mesma, que a anormalidade e o pecado provêm dela própria e que, finalmente, as leis do espírito humano se encontram ainda tão desconhecidas, tão incógnitas para a ciência, tão indefinidas e misteriosas que não há nem pode haver ainda nem esculápios nem juízes *de última instância*, mas sim aquele que diz: “A mim a vingança, a mim exercer a justiça”. Só Ele conhece todo o mistério do mundo e o destino definitivo do homem. O homem, por enquanto, não se pode encarregar de resolver seja o que for, orgulhando-se da sua impecabilidade, o tempo ainda não lhe chegou para isso. O próprio juiz humano deve saber que não é juiz de última instância, que ele próprio é pecador, que o peso e a medida nas suas mãos serão absurdos se ele próprio, tendo nas mãos o peso e a medida, não se curvar perante a lei do mistério ainda irresolúvel e não recorrer ao único remédio: Misericórdia e Amor. Mas para o ser humano não desembocar na perdição, por desespero de incompreensão dos seus caminhos e destinos, por convicção de que o mal é misteriosa e fatalmente inevitável, a saída é indicada. Foi genialmente delineada pelo poeta numa cena genial do romance [...] a da doença mortal da heroína, quando os criminosos e os inimigos se transformam, de repente, em criaturas superiores, em irmãos que se perdoam tudo mutuamente, em criaturas que, elas próprias, por meio do perdão recíproco, se libertam da mentira, da culpa e do crime, e com isso se absolvem a si próprios com a plena consciência de terem obtido o direito a isso. Mas depois, no fim do romance*, no quadro sombrio e pavoroso da queda do espírito humano, seguida passo a passo, na descrição daquele estado insuperável em que o mal, ao apoderar-se do ser humano, amarra cada movimento dele, paralisa todas as suas forças de resistência e qualquer pensamento, qualquer vontade de lutar contra as trevas caídas sobre a alma e aceites pela alma, em vez da luz, consciente

* Dostoiévski, aqui, fala do fim da Sétima Parte, a morte de Anna Karénina.

e voluntariamente, com a paixão da vingança — nesta cena há tanta lição para o juiz humano, para quem tem nas mãos o peso e a medida, que ele, sem dúvida, vai exclamar, aterrorizado e perplexo: “Não, nem sempre a mim a vingança e a mim exercer a justiça” — e não vai lançar desumanamente a culpa sobre o criminoso na sua queda sombria por ter menosprezado a luz da saída indicada desde sempre e de a ter rejeitado conscientemente. Em qualquer caso, não se vai agarrar à letra da lei...»

Por outro lado, a figura e a linha de Lióvin, em que «o autor exprime muitas das suas próprias convicções e pontos de vista», inspiraram a Dostoiévski uma crítica irritada e acirrada, em grande parte por causa de divergências entre os dois escritores respectivamente à «questão eslava» e à guerra russo-turca de 1877. Se Tolstói, sempre desconfiado de todo o género de demagogia ideológica, era céptico em relação ao apregoado impulso geral do povo russo de apoio aos irmãos eslavos da Bulgária e da Sérvia, oprimidos pela Turquia, e não via sentido na participação da Rússia na guerra balcânica, exprimindo estas dúvidas na última (oitava) parte do livro, para Dostoiévski era incontestável a necessidade da intromissão russa no conflito ditada pelas considerações humanitárias, patrióticas e religiosas; estava convencido do carácter exclusivo do seu país e de que o movimento em prol da guerra «não tinha quase precedentes, entre outras nações, pela sua natureza sacrificial e desinteressada, pela sua ânsia religiosa de sofrer pela justa causa». E descarrega sobre o herói de Tolstói, que se atreveu a pôr em dúvida a opinião pública e a legitimidade da guerra, todo o peso do seu sarcasmo, descrevendo-o como um fidalgo que, por mais que se esforçasse, não conhecia o seu próprio povo nem tinha o direito de se achar uma parte dele.*

Esta posição de Dostoiévski é compreensível — os dois grandes escritores eram muitíssimo diferentes em todos os aspectos: artísticos, ideológicos, religiosos, biográficos. Mas, precisamente por isso, o facto de o maior oponente de Tolstói reconhecer a enorme importância da sua obra torna-se muito significativo.

Uma ocasião, Lev Tolstói disse: «Se me dissessem que o que foi escrito por mim seria lido daqui a vinte anos por quem é agora criança, que faria as pessoas chorar e rir, e apaixonar-se pela vida, dedicaria ao meu livro toda a minha vida e todas as minhas forças.» (*Obras Completas*, v. 61, p. 100). Pois bem, o interesse por este romance não se extinguiu até hoje, não obstante os 135 anos passados desde o seu aparecimento.

Nina Guerra e Filipe Guerra

* Fiodor Dostoiévski. *Diário do Escritor*, 1877, Julho-Agosto, capítulo 2.

Todas as famílias felizes são parecidas, cada família infeliz é-o à sua maneira.

Em casa dos Oblônski tudo mergulhou na confusão. A mulher soube que o marido andava envolvido com a ex-preceptora francesa dos filhos e anunciou que não podia continuar a viver na mesma casa que ele. Já ia no terceiro dia desta situação, torturante tanto para o próprio casal como para todos os membros da família e para o resto da gente da casa. Todos eles tinham a sensação de que uma convivência assim não fazia sentido e de que, mesmo em qualquer estalagem, os hóspedes juntos pelo acaso tinham ligações mútuas mais estreitas do que as deles, família e gente da casa dos Oblônski. A mulher não saía dos seus aposentos, o marido estava ausente havia já dois dias. As crianças corriam por todas as salas como perdidas; a preceptora inglesa zangou-se com a governanta e escreveu um bilhete a uma amiga pedindo para lhe arranjar outra colocação; o cozinheiro foi-se embora, já no dia anterior, à hora do jantar; a sopeira dos criados e o cocheiro pediram contas.

No terceiro dia do conflito, o príncipe Stepan Arkáditch Oblônski — Steve, como era chamado em sociedade — acordou à hora do costume, ou seja, às oito da manhã, no divã de marroquim do seu gabinete, e não no quarto da mulher. Virou o corpo cheio e cuidado sobre as molas do divã, como que desejando dormir ainda mais e muito, abraçou a almofada do outro lado e apertou a bochecha contra ela; mas de repente levantou-se em sobressalto, sentou-se no divã e abriu os olhos.

«Espera, espera, como foi? — pensou, recordando o sonho. — Então, como foi? Ah, sim! Alábin deu um almoço em Darmstadt; não, não foi em Darmstadt, foi qualquer coisa americana. Pois é, mas o meu Darmstadt era na América. Sim, Alábin ofereceu um almoço servido em mesas de vidro, certo... e as mesas cantavam *Il mio tesoro*...

Não, *Il mio tesoro*¹ não, era uma coisa melhor, e havia jarros pequeninos que eram também mulheres», ia ele recordando.

Os olhos de Stepan Arkáditch brilharam animadamente, e sorriu, pensativo. «Sim, foi catita, muito lindo. Ainda havia lá outras maravilhas, mas agora não tenho palavras, nem sequer pensamentos, para o exprimir.» Depois, reparando no feixe de luz que irrompia do lado de uma persiana de estofa, lançou os pés para o chão com alegria, apanhou com eles as pantufas de marroquim dourado, bordadas pela mulher (prenda de aniversário do ano anterior) e, pelo seu velho hábito, de nove anos, estendeu a mão, sem se levantar ainda, até onde estaria pendurado o seu roupão no quarto de dormir. Nisto, lembrou-se de chofre por que não dormira no quarto da mulher mas no gabinete; o sorriso sumiu-se-lhe da cara, franziu a testa.

«Oh, oh, oh! Ooo...», gemeu, recordando tudo. E de novo lhe vieram à imaginação todos os pormenores da zanga com a mulher, aquela situação irremediável e, o mais torturante de tudo, a questão da culpa.

«Pois é! Não me vai perdoar nem me pode perdoar. O mais terrível é que a causa de tudo isto seja eu, sim, a causa sou eu, mas não tenho culpa. O drama está nisso — pensou. — Oh, oh, oh!», repetia, rememorando as mais penosas impressões da zanga.

O mais desagradável foi o primeiro minuto, quando ele, de volta do teatro, animado e contente, com uma pêra enorme na mão para a mulher, não a encontrou na sala de estar; ficou surpreendido por não a ter encontrado também no gabinete e, finalmente, viu-a no quarto de dormir com o desgraçado bilhete na mão, o bilhete revelador de tudo.

Ela, essa Dolly eternamente preocupada e atarefada, e de inteligência curta na opinião do marido, estava sentada, imóvel, com o bilhete na mão e olhava para Stepan Arkáditch com uma expressão de terror, desespero e ira.

— O que é isto? Isto? — repetia, apontando para o bilhete.

E naquela recordação, como ocorre tantas vezes, o tormento não era o acontecimento em si, mas a resposta que Stepan Arkáditch dera às palavras da mulher.

Aconteceu-lhe nesse momento o que é habitual nas pessoas apanhadas inopinadamente num acto muito, muito vergonhoso. Não teve tempo de preparar a cara para a atitude que tomava normalmente quando a sua culpa era descoberta. Em vez de se mostrar insultado, de negar tudo, de se justificar, de pedir desculpa, até de permanecer impassível — tudo teria sido melhor do que aquilo que acabou por fazer! — esboçou-se-lhe na

¹ A minha jóia (it.).

cara, de modo absolutamente involuntário («reflexos cerebrais», pensou Stepan Arkáditch, admirador da fisiologia), o sorriso habitual, bondoso e, por isso mesmo, estúpido.

Esse sorriso estúpido é que era imperdoável. Ao ver um sorriso daqueles, Dolly estremeceu como que acometida por uma pontada e, com a impetuosidade própria dela, desfez-se numa torrente de palavras cruéis e precipitou-se para fora do quarto. Desde então, não queria ver o marido.

«E tudo isso por causa daquele sorriso estúpido», pensou Stepan Arkáditch.

«Mas o que fazer agora? O que é que eu faço?», interpelava-se, desesperado, e não encontrava resposta.

2

Stepan Arkáditch era um homem verdadeiro consigo próprio. Incapaz de se enganar a si mesmo e de tentar convencer-se de que estava arrependido. Incapaz de se arrepender agora do que fora motivo do seu remorso cerca de seis anos atrás, quando traía a mulher pela primeira vez. Incapaz agora do remorso por, homem de trinta e quatro anos, bem-apegoado e galanteador, não estar apaixonado pela mulher, mãe de cinco filhos vivos e de dois nado-mortos, apenas um ano mais nova do que ele. Arrependia-se apenas de não ter sido capaz de esconder melhor o seu segredo. Sentia, porém, toda a gravidade da situação e tinha pena da mulher, dos filhos e de si próprio. Talvez soubesse esconder melhor os seus pecados se tivesse pressentido o efeito que a notícia provocaria na mulher. Nunca tinha reflectido com clareza nessa questão, mas imaginava vagamente que a esposa vinha pressentindo havia muito a sua infidelidade e fazia vista grossa. Parecia-lhe até que ela, uma mulher esgotada, envelhecida, já fanada de graças, e pessoa simples, sem nada de especial, tão-só uma boa mãe da família, devia ter o sentimento de justiça e ser condescendente. No entanto, aconteceu o contrário.

«Oh, isto é horrível! Ai, ai, ai! Horrível! — repetia mentalmente Stepan Arkáditch e não via a solução. — E era tudo tão bom antes disto, vivíamos tão bem! Ela estava contente, feliz com os filhos, eu não lhe impedia nada, deixava-a tratar dos filhos e da casa como ela bem entendia. Realmente, é feio que *aquela* tenha sido preceptora na nossa família. É feio! Há qualquer coisa de ordinário, de vulgar em namorarmos a preceptora. Mas que preceptora! (Recordou vivamente os olhos negros e marotos de *Mlle* Roland, o seu sorriso.) Mas enquanto ela esteve em nossa casa não me permiti nada. O pior é que ela já... Oh, que azar, nem de propósito, tudo isto! Ai, ai, ai! Mas o que hei-de eu fazer?»

Não tinha resposta, a não ser a resposta geral que a vida dá a todos os mais complexos e irresolúveis problemas. Essa resposta: é preciso viver com as necessidades do dia corrente, ou seja, mergulhar no esquecimento. Mergulhar nos sonhos já é impossível pelo menos até à noite, não se pode voltar à música que os jarros-mulheres cantaram; portanto, é preciso mergulhar no esquecimento do sonho da vida real.

«Logo se vê», disse Stepan Arkáditch para si próprio, e pôs-se em pé, vestiu um roupão cinzento forrado de seda azul-clara, atou, de um lance, o cinto com borlas e, enchendo de ar a sua larga caixa torácica, foi à janela no habitual passo enérgico dos pés cambados que levavam o seu corpo cheio com tanta ligeireza, levantou a gelosia e tocou com força a campainha. Logo a seguir entrou o velho amigo Matvei, criado grave, trazendo-lhe a roupa, as botas e um telegrama. Atrás de Matvei vinha também o barbeiro com os apetrechos do seu ofício.

— Vieram alguns papéis do departamento? — perguntou Stepan Arkáditch, pegando no telegrama e sentando-se em frente do espelho.

— Em cima da mesa — respondeu Matvei, ao olhar interrogativa e compreensivamente para o senhor; depois, esperou um pouco e acrescentou com um sorriso manhoso: — Apareceu aí o homem dos coches, da parte do alugador.

Stepan Arkáditch não respondeu, apenas olhou para Matvei através do espelho; pelos olhos que se cruzaram no espelho era visível que se compreendiam muito bem. O olhar de Stepan Arkáditch parecia perguntar: «Porque é que me dizes isso? Será que não sabes?»

Matvei meteu as mãos nos bolsos da sua jaqueta, afastou um pé e olhou para o senhor num silêncio benévolo, com um ligeiro sorriso.

— Mandei-o vir no próximo domingo, que antes disso não se incomodasse nem incomodasse de balde o senhor — pronunciou ele a frase preparada de antemão.

Stepan Arkáditch percebeu que Matvei quisera brincar, exhibir-se um pouco. Rasgou a borda do telegrama, abriu-o e leu-o, adivinhando o sentido das palavras deturpadas, como de costume. A sua cara iluminou-se.

— Matvei, a minha irmã Anna Arkádievna vem amanhã — disse, fazendo parar por um instante a mãozinha lustrosa e rechonchuda do barbeiro, que estava a abrir um caminho cor-de-rosa ao lado das suíças longas e encaracoladas.

— Deus é grande — disse Matvei, assinalando com esta resposta que, tal como o senhor, estava a compreender a importância dessa visita, ou seja, que Anna Arkádievna, a irmã preferida de Stepan Arkáditch, seria capaz de contribuir para a reconciliação do casal.

— Sozinha ou com o esposo? — perguntou Matvei.

Stepan Arkáditch não podia falar porque o barbeiro estava a tratar do seu lábio superior, então levantou um dedo. Matvei acenou com a cabeça para o espelho.

— Sozinha. Preparo um quarto em cima?

— Pergunta a Dária Aleksândrovna, ela é que manda.

— A Dária Aleksândrovna? — repetiu Matvei com alguma dúvida.

— Sim, vai lá dizer-lhe. E leva o telegrama, entrega-lho e ouve o que a senhora tem a dizer.

«Quer experimentar», compreendeu Matvei, mas disse apenas:

— Sim, senhor.

Stepan Arkáditch já tinha a cara lavada e o cabelo penteado, e ia vestir-se quando Matvei, de botas ligeiramente rangentes, voltou ao quarto num passo vagaroso, com o telegrama na mão. O barbeiro já tinha saído.

— Dária Aleksândrovna mandou dizer que se ia embora. E que faça o que bem entender, quer dizer, o senhor que faça — disse Matvei, rindo apenas com os olhos, e fitou-os no amo, inclinando a cabeça para o lado e com as mãos metidas nos bolsos.

Stepan Arkáditch ficou um momento calado. A seguir, um sorriso bondoso e um tanto miserando esboçou-se na sua cara bonita.

— Vês? Estás a ver, Matvei? — disse, abanando a cabeça.

— Não faz mal, meu senhor, isto endireita-se — disse Matvei.

— Endireita-se?

— Exactamente.

— Achas? Quem é? — perguntou Stepan Arkáditch ao ouvir o roçar de um vestido feminino por trás da porta.

— Sou eu, meu senhor — pronunciou uma agradável e firme voz feminina, e a cara rigorosa, coberta de bexigas de Matriona Filimónovna, a ama-seca, assomou-se de trás da porta.

— Então, Matriocha? — perguntou Stepan Arkáditch, saindo do quarto ao seu encontro.

Embora Stepan Arkáditch fosse absolutamente culpado para com a mulher, sentindo-o ele próprio, quase toda a gente em casa, incluindo a ama-seca, a maior amiga de Dária Aleksândrovna, estavam do lado do senhor.

— Então? — repetiu, desalentado.

— Vá ter com ela, meu senhor, peça perdão mais uma vez. A ver, Deus é misericordioso. Está a sofrer muito, faz pena vê-la, e cá em casa também está tudo de pantanas. Tenha pena dos filhos, meu senhor. Mostre-se repeso. Nada a fazer! Por onde se peca, por aí se paga...

— Mas ela não me vai querer ouvir...

— Tente, não desista. Deus é misericordioso, rogue a Deus, meu senhor, reze.

— Está bem, vai — disse Stepan Arkáditch, de repente corado. — Então, vestir — dirigiu-se a Matvei e, com um gesto resolutivo, tirou o roupão.

Matvei já estava a postos com uma camisa preparada, segurando-a nas mãos, enrolada como se fora uma coelheira e soprando dela qualquer coisinha invisível, e com um evidente prazer enfiou-a no corpo mimado do senhor.

3

Vestido, Stepan Arkáditch borrifou-se de perfume, puxou os punhos da camisa, com um gesto habitual guardou nos bolsos os cigarros, a carteira, os fósforos, o relógio de fio duplo e berloques, e, sacudindo o lenço e sentindo-se aseado, perfumado e fisicamente animado apesar do seu infortúnio, dirigiu-se, distendendo as pernas a cada passada, à sala de jantar onde o café e, ao lado, os papéis do escritório já estavam à sua espera.

Leu as cartas. Uma era muito desagradável — de um comerciante que ia comprar uma floresta na herdade da mulher. Sem dúvida que era necessário vender essa floresta; mas agora, antes da reconciliação com a mulher, seria impensável. O mais repugnante era o facto de se misturar o interesse monetário com a reconciliação com a mulher. A ideia de que podia ser motivado por este interesse, de que tentaria reconciliar-se com ela por causa da venda da floresta, parecia-lhe insultuosa.

Lidas as cartas, Stepan Arkáditch pegou nos papéis do escritório, folheou rapidamente dois processos, fez várias marcas com um lápis grosso e, pondo de lado a documentação, dispôs-se a tomar o café; enquanto o fazia, abriu um jornal matinal ainda húmido* e começou a ler.

Stepan Arkáditch assinava e lia um jornal liberal, que não era de orientação radical mas daquela tendência que a maioria acatava. E, apesar de, no fundo, nem a ciência, nem a arte, nem a política lhe interessarem, partilhava com firmeza, em relação a elas, os pontos de vista da maioria e do seu jornal, mudando-os apenas quando a maioria os mudava, ou antes, não os mudava — os pontos de vista alteravam-se sozinhos, imperceptivelmente, na sua consciência.

Stepan Arkáditch não escolhia tendências nem convicções, já que essas tendências e convicções lhe surgiam por si sós, do mesmo modo que não escolhia os modelos de chapéu ou de sobrecasaca, optando por aqueles que se usavam. Ora, para ele, homem de sociedade necessitando de uma certa actividade intelectual, que se desenvolve por norma nos anos da maturidade, isso era tão indispensável como ter um chapéu. Se havia uma razão

para preferir a tendência liberal e não conservadora, que muitas pessoas do seu círculo também seguiam, não o fazia porque achasse a tendência liberal mais razoável, mas pelo facto de ela se coadunar mais com o seu modo de vida. O partido liberal alegava que tudo corria mal na Rússia, e de facto Stepan Arkáditch tinha muitas dívidas e uma grande falta de dinheiro. O partido liberal dizia que o matrimónio era uma instituição obsoleta e que era preciso reformá-lo, e de facto a vida familiar dava pouco prazer a Stepan Arkáditch e forçava-o a mentir e a fingir, o que era tão adverso à sua natureza. O partido liberal dizia, ou melhor subentendia, que a religião não passava de um freio necessário para a camada bárbara da população, e de facto Stepan Arkáditch tinha dores nos pés assistindo às cerimónias litúrgicas, mesmo curtas, e não percebia que sentido poderiam ter todas aquelas palavras medonhas e empoladas sobre o outro mundo se neste mundo era possível levar uma vida muito divertida. Além disso, Stepan Arkáditch, amante de uma boa piada, gostava às vezes de aturdir uma pessoa cordata com a asserção de que, no nosso orgulho pela linhagem, não deveríamos limitá-la ao avoengo Rurik* e renegar o nosso antepassado primordial, o macaco. Em resumo, a tendência liberal tornou-se um hábito para Stepan Arkáditch, e gostava do seu jornal, como do charuto depois do almoço, pela névoa ligeira que lhe produzia na cabeça. Leu o editorial que explicava que, nos nossos tempos, era absolutamente errado bradar sobre o radicalismo que, supostamente, ameaçava assolar todos os elementos conservadores; e que era errado declarar que o governo tinha a obrigação de tomar medidas contra a hidra revolucionária; que, pelo contrário, «na nossa opinião, o perigo não residia numa suposta hidra revolucionária, mas na teimosia do tradicionalismo, travão do progresso» etc., etc. Leu mais um artigo, sobre problemas financeiros, em que se mencionavam Bentham e Mill* e era alfinetado o ministério. Stepan Arkáditch, com a rapidez de percepção própria dele, compreendia o significado de qualquer farpa: de quem provinha e quem era o alvo, e por que motivo; e isto, como sempre, dava-lhe um certo deleite. Neste dia, porém, o deleite era envenenado pela recordação dos conselhos de Matriona Filimónovna e do mal-estar em casa. Leu também que o conde Beust, de acordo com certas fontes, se dirigira a Wiesbaden, e que, doravante, não haveria mais cabelos encanecidos, e também sobre a venda de um coche ligeiro e a procura de trabalho de uma jovem senhora; estas notícias, todavia, não lhe davam o habitual prazer sereno e irónico.

Finda a leitura do jornal e a segunda chávena de café e um *kalatch** com manteiga, levantou-se, sacudiu as migalhas de *kalatch* do colete e, endireitando o peito largo, sorriu com prazer, mas não por lhe ir qualquer alegria especial na alma: era a boa digestão que provocava o sorriso alegre.

Contudo, este sorriso alegre logo lhe trouxe tudo à memória, e ficou pensativo.

Duas vozes infantis (Stepan Arkáditch reconheceu as vozes de Gricha, o filho mais novo, e de Tânia, a filha mais velha) ouviram-se atrás da porta. Estavam a transportar qualquer coisa e deixaram-na cair.

— Não te disse que não se podia colocar os passageiros no tejadilho? — gritou a miúda em inglês. — Agora apanha-os!

«Tudo em confusão — pensou Stepan Arkáditch —, as crianças correm sozinhas pela casa.» E, aproximando-se da porta, chamou por elas. Os miúdos largaram o escrínio que fazia as vezes de comboio e entraram no quarto do pai.

A miúda, a sua preferida, irrompeu no quarto, abraçou o pai e, rindo, pendurou-se-lhe ao pescoço como sempre, deliciada com o cheiro familiar do perfume que emanava das suas suíças. Por fim, beijando-o na cara corada, por causa da posição inclinada, e radiante de ternura, a menina desprendeu as mãos e quis correr para trás; mas o pai deteve-a.

— A mamã? — perguntou, afagando o pescoço terno e liso da filha. — Viva — disse, sorrindo, ao rapaz que o cumprimentara.

Tendo a consciência de gostar menos do filho, tentava tratá-los de modo igual, mas o rapazinho sentia-o e não respondeu ao sorriso frio do pai.

— A mamã? Já se levantou — disse a miúda.

Stepan Arkáditch suspirou. «Significa que, mais uma vez, não dormiu de noite», pensou.

— E está bem-disposta, a mamã?

A miúda sabia que havia zanga entre os pais e que a mãe não podia estar bem-disposta, e que o pai o devia saber, e que estava a fingir ao perguntar-lho daquela maneira despreocupada. E corou por ele. E o pai logo o percebeu e corou também.

— Não sei — respondeu ela. — Disse que não tivéssemos aulas, hoje, que fôssemos passear com Miss Hull até à casa da avó.

— Está bem, minha Tântchúrotchka, vai. Ah, espera — disse ele, detendo-a e afagando-lhe a mãozinha terna.

Tirou de cima da prateleira da lareira uma caixinha de confeitos que lá pusera na véspera, e deu-lhe dois, os preferidos dela, um de chocolate e outro de caramelo cremoso.

— É para o Gricha? — perguntou a miúda, apontando para o de chocolate.

— Sim, sim. — Voltou a acariciar-lhe o ombro, beijou-lhe a cabecinha e o pescoço, e deixou-a ir.

— O coche está pronto — disse Matvei. — E há uma solicitante — acrescentou.

— Está há muito tempo à espera? — perguntou Stepan Arkáditch.

— Há meia-horita.

— Quantas vezes tenho de te dizer para anunciares de imediato as pessoas que vêm?

— Achei que o senhor, pelo menos, precisava de tomar o café — respondeu Matvei naquele tom grosseiramente amigável com o qual era impossível zangar-se.

— Está bem, manda-a entrar, depressa — disse Oblônski, enrugando a cara de contrariedade.

A solicitante, viúva de um tal capitão Kalínin, pretendia uma coisa sem sentido e impossível; Stepan Arkáditch, contudo, seguindo o seu hábito, convidou-a a sentar-se, ouviu-a com atenção e sem interromper e deu-lhe um conselho minucioso: a quem e de que maneira devia dirigir-se, e até escreveu rapidamente, em letra graúda, espaçada, clara e bonita, um bilhete explícito para uma pessoa que poderia prestar-lhe ajuda. Depois de despedir a viúva, Stepan Arkáditch pegou no chapéu e parou, tentando recordar se não se esquecia de nada. Não, não se esquecia de nada, tirando o que desejava esquecer — a sua mulher.

«Ah, sim!» Baixou a cabeça, e uma expressão desalentada anuviou-lhe a cara bonita. «Vou lá ou não vou?», perguntou a si próprio. E uma voz interior respondeu-lhe que não, que nada poderia resultar disso, nada além de uma falsidade; que era impossível corrigir, consertar as suas relações, porque era impossível que a mulher se tornasse de novo atraente, capaz de o apaixonar, ou que ele próprio se tornasse um velho incapaz de amar. Não podia dar qualquer resultado a não ser uma falsidade, uma mentira; ora, a falsidade e a mentira eram adversas à sua natureza.

«Mas será preciso fazê-lo, mais cedo ou mais tarde; isto não pode continuar assim», disse ele, tentando ganhar coragem. Endireitou o tronco, tirou um cigarro, acendeu-o, deu duas fumaças, atirou o cigarro para o cinzeiro de concha nacarada, atravessou a sombria sala de estar em passo estugado e abriu a porta do quarto da mulher.

4

Dária Aleksândrovna, de camiseta de noite e com as tranças presas na nuca, de cabelo outrora espesso e maravilhoso, mas agora já ralo, com as faces cavadas e os olhos assustados e grandes na cara macilenta, estava diante do camiseiro aberto, no meio de roupa espalhada pelo quarto, escolhendo qualquer coisa. Ao ouvir os passos do marido, parou, olhando para a porta e tentando em vão dar ao rosto uma expressão severa e desdenhosa. Sentia que tinha medo do marido e da conversa. Acabou de tentar fazer

o que, nesses últimos três dias, tentara mais de dez vezes: seleccionar as roupas infantis e as suas próprias que levaria para a casa da mãe. Mais uma vez, não havia meio de se decidir; mas, também desta feita, repetia para si própria que aquilo não podia ficar assim, que devia fazer alguma coisa, cobri-lo de opróbrio, vingar-se dele com, pelo menos, um pouco daquela dor que ele lhe causara. Ainda continuava a repetir que o ia abandonar, mas sentia que era impossível; era impossível porque se sentia incapaz de perder o hábito de o considerar seu marido e de o amar. Além disso, sentia que, se aqui, em sua casa, mal conseguia cuidar dos cinco filhos, a vida deles seria ainda pior na casa para onde iriam com ela. Bastaram os três últimos dias para que o mais novo adoecesse porque lhe deram uma canja mal feita, e os outros ficaram quase sem almoço no dia anterior. Sentia que era impossível ir-se embora; contudo, iludindo-se, continuava a seleccionar as coisas e a fingir que partiria.

Ao avistar o marido, meteu a mão na gaveta do camiseiro, como que à procura de alguma coisa, e olhou para o marido apenas quando este chegou muito perto dela. Mas a cara de Dária Aleksândrovna, em vez de severidade e firmeza, exprimia desconcerto e sofrimento.

— Dolly! — disse ele em voz baixinha e tímida. Enfiou a cabeça nos ombros e tentou ter um ar humilde e submisso, mas não deixava de irradiar frescura e saúde.

Ela passou um olhar rápido, dos pés à cabeça, por aquela sua figura fresca e sadia. «Pois é, está feliz e contente! Mas eu?... E este abominável ar bondoso que faz com que toda a gente goste dele e o elogie; mas eu odeio este seu ar de bondade», pensou. A sua boca cerrou-se, na cara pálida e nervosa o músculo da face direita tremeu.

— O que deseja? — disse rapidamente com uma voz que não era a dela, uma voz surda.

— Dolly! — repetiu ele em voz trémula. — A Anna vem hoje.

— O que tenho a ver com isso? Não posso recebê-la! — exclamou Dária Aleksândrovna.

— Mas, Dolly, é preciso...

— Saia, saia, saia daqui — gritou sem olhar para ele, como se este grito fosse provocado por uma dor física.

Stepan Arkáditch podia sentir-se tranquilo quando apenas pensava na mulher, podia ter a esperança de que tudo *se endireitava*, como se exprimiria o Matvei, e podia ler o jornal e tomar o café nas calmas; mas quando lhe viu a cara extenuada e sofredora, quando ouviu aquela voz desesperada e resignada perante o destino, a sua respiração ficou presa, qualquer coisa lhe apertou a garganta e os olhos brilharam-lhe de lágrimas.

— Meu Deus, o que eu fui fazer! Dolly! Por amor de Deus!... Porque...
— Não conseguí continuar, o choro tolheu-lhe a garganta.

Ela fechou bruscamente o camiseiro e olhou para ele.

— Dolly, o que posso dizer?... Só uma coisa: perdoa-me, perdoa... Pensa só: será que nove anos de vida não podem redimir um minuto, um minuto...

Ela baixou os olhos, ouvindo-o, à espera do que ele ia dizer, como que suplicando que a dissuadisse.

— ...um minuto de atracção... — pronunciou ele e ia continuar, mas com esta palavra os lábios dela voltaram a apertar-se e o músculo da face direita a contrair-se como se de uma dor física se tratasse.

— Vá-se embora, saia daqui! — soltou um grito ainda mais estridente. — E não me fale das suas atracções e ignomínias!

Ela quis retirar-se, mas cambaleou e agarrou-se ao espaldar da cadeira, apoiando-se nela. A cara dele estirou-se, os lábios incharam, os olhos banharam-se de lágrimas.

— Dolly! — articulou já em soluços. — Por amor de Deus, pensa nos filhos, eles não têm culpa. A culpa é minha, castiga-me, manda-me redimir a minha culpa. Estou pronto a tudo! Tenho culpa, não há palavras para o exprimir! Mas perdoa-me, Dolly!

Ela sentou-se. Stepan Arkáditch ouvia a respiração dela, grave, ruidosa, e isso dava-lhe uma pena inexprimível. Por várias vezes, a mulher quis começar a falar, mas era incapaz. Ele esperava.

— Só te lembras dos filhos para brincares com eles, mas eu lembro-me deles e sei que não têm salvação — pronunciou ela uma das frases que, pelos vistos, tinha dito para si própria por mais de uma vez durante esses três dias.

Tratou-o por tu, e ele olhou-a com gratidão e mexeu-se com a intenção de lhe pegar na mão, mas a mulher afastou-se dele com repugnância.

— Lembro-me dos filhos e é por isso que faria tudo para os salvar; mas não sei como: levando-os para longe do pai, ou deixando-os com o pai depravado... sim, um pai depravado... Diga, vá, será possível vivermos juntos depois do... do que aconteceu? Será possível? Diga: será possível? — repetiu, elevando a voz. — Depois de o meu marido, pai dos meus filhos, se ter envolvido com uma preceptora dos seus filhos...

— Mas o que... o que se pode agora fazer? — pronunciou ele em voz lamentosa, sem se dar conta do que estava a dizer e baixando cada vez mais a cabeça.

— Mete-me nojo, repugnância! — gritou ela, esquentando-se. — As suas lágrimas são água! Nunca me amou; não tem coração nem nobreza! É-me abominável, repulsivo, é um estranho para mim, sim, um estranho! — repetiu com dor e raiva esta palavra «estranho», terrível para ela.

Stepan Arkáditch olhou para ela, e a raiva que lhe viu na cara assustou-o e surpreendeu-o. Não percebia que a compaixão por ela a irritava.

Dolly via que o marido tinha pena dela, e não amor. «Não, ela odeia-me. Não me vai perdoar», pensou Stepan Arkáditch.

— É terrível! Terrível! — disse ele.

Neste momento, uma criança gritou, pelos vistos tinha caído; Dária Aleksândrovna ouviu, e a expressão da sua cara abrandou.

Demorou alguns segundos a voltar a si, como que a tomar consciência de onde estava e do que ia fazer, levantou-se rapidamente e foi para a porta.

«Se ela gosta do meu filho — pensou Stepan Arkáditch, ao reparar na mudança da expressão dela —, do *meu* filho... como é capaz de me odiar, a mim?»

— Dolly, só uma palavra — disse, indo atrás dela.

— Se vier atrás de mim, chamo os criados, chamo os filhos! Que todos saibam que o senhor é um canalha! Vou-me embora hoje mesmo; pode viver aqui com a sua amante!

E saiu, batendo com a porta.

Stepan Arkáditch suspirou, limpou a cara e saiu devagarinho do quarto. «Matvei diz: endireita-se! Mas como? Não vejo hipótese. Oh, oh, que horror! E gritou-me daquela maneira vulgar: canalha, amante... É possível que as criadas tenham ouvido! Muitíssimo vulgar, muitíssimo.» Stepan Arkáditch ficou alguns segundos parado, sozinho, limpou os olhos, suspirou e, endireitando o tronco, saiu do quarto.

Era sexta-feira, e o alemão relojoeiro estava a dar corda ao relógio da sala de jantar. Stepan Arkáditch lembrou-se de uma chalaça sua relativamente a este relojoeiro meticoloso e careca — que ao alemão «deram corda, uma vez, para que passasse a vida a dar corda aos relógios» — e sorriu. Stepan Arkáditch gostava de uma boa piada. «Mas talvez se endireite! Que linda palavra: *endireitar-se* — pensou. — Não me esquecer de contar isto.»

— Matvei! — chamou e, quando o criado entrou, disse: — Vai lá então, prepara tudo para Anna Arkádievna na sala dos divãs, tu e a Mária.

— Sim, senhor.

Stepan Arkáditch vestiu a peliça e saiu ao umbral.

— O senhor hoje não come em casa? — perguntou-lhe o Matvei ao lado do coche.

— Logo se vê. Toma lá para as despesas — disse Oblônski, tirando da carteira dez rublos. — Chega?

— Chegue ou não, tenho de me desenvencilhar — disse Matvei, fechando a portinhola e recuando até à entrada.

Dária Aleksândrovna, entretanto, depois de acalmar o filho e de se aperceber, pelo barulho do coche, que o marido partira, voltou ao quarto de dormir. Era o único cantinho em que se abrigava das preocupações

da casa, que a assediavam mal saía do quarto. Agora também: nos poucos minutos em que fora ao quarto das crianças, a preceptora inglesa e Matriona Filimónovna tiveram tempo de lhe fazer várias perguntas inadiáveis e a que só ela podia responder — como vestir crianças para o passeio? Será preciso dar-lhes leite? Valerá a pena mandarem buscar outro cozinheiro?

— Ah, deixem-me, deixem-me em paz! — disse ela e, voltando para o quarto, sentou-se no mesmo lugar onde, há pouco, falara com o marido; apertou as mãos emagrecidas com os anéis a deslizarem-lhe dos dedos ossudos e pôs-se a lembrar a recente conversa. «Saiu! Mas como é que resolveu relações com *ela*? — pensou. — Será que continua a vê-la? Porque não lhe perguntei? Não, não, as pazes são impossíveis. Mesmo que fiquemos na mesma casa, somos pessoas estranhas. Estranhas para sempre!», insistiu com ênfase especial nesta palavra medonha. «Como o amei, meu Deus, como eu o amei!... Como o amei! Mas será que não o amo agora? Será possível que o ame ainda mais do que antes? O mais terrível é que...», e não terminou a sua reflexão porque Matriona Filimónovna assomou a cabeça pela porta.

— Senhora, mande buscar o meu irmão, por favor — disse —, ele que faça o almoço; senão vai acontecer como ontem: as crianças não comeram até às seis.

— Está bem, vou tratar disso. Já mandaram buscar leite fresco?

E Dária Aleksândrovna mergulhou na rotina do dia-a-dia, afogando nela, por enquanto, a sua desgraça.

5

Stepan Arkáditch estudou bem na escola graças às suas capacidades, mas, como era preguiçoso e traquinas, foi um dos piores entre os finalistas; contudo, e apesar de levar desde sempre uma vida libertina, ter uma patente bastante baixa e não atingir ainda idade respeitável, ocupava agora um honroso cargo de chefia, e com bom vencimento, num dos departamentos de Moscovo. Obteve este cargo graças a Aleksei Aleksândrovitch Karénin, marido da irmã Anna, um dos mais importantes funcionários do ministério de que o dito departamento fazia parte; aliás, se Karénin não tivesse nomeado o seu cunhado para este lugar, Steve Oblônski, por meio de centenas de outras pessoas, irmãos, irmãs, parentes, primos, tios e tias, teria arranjado este ou outro lugar semelhante com seis mil de vencimento, ou coisa assim, de que precisava porque a sua situação financeira, apesar da boa fortuna da mulher, estava num descabro.

Metade de Moscovo e de Petersburgo compunha-se de parentes e conhecidos de Stepan Arkáditch. Nasceu no meio das pessoas que eram ou se tornaram os grandes deste mundo. Um terço dos homens de Estado, os velhos, privaram com o seu pai e conheciam Steve desde o berço; com outro terço, tratava-se por tu, enquanto o terceiro terço tinha com ele, simplesmente, boas relações; em consequência, os distribuidores dos bens terrenos (cargos, rendas, concessões e coisas do género) eram todos seus companheiros e não deixariam mal um homem do seu círculo; então, Oblônski não precisava de grande esforço para obter um cargo vantajoso; era preciso apenas não se recusar, não ter inveja, não entrar em conflitos, não se melindrar — o que, aliás, pela bondade que lhe era própria, nunca fazia. Parecer-lhe-ia ridículo se lhe dissessem que não teria um cargo com o vencimento pretendido, até porque nem sequer exigia nada de especial; desejava apenas o que recebiam os seus coetâneos, e era capaz de cumprir o respectivo trabalho nada pior do que outro qualquer.

Toda a gente que conhecia Stepan Arkáditch não só gostava dele pelo seu feitio bondoso e alegre e pela incontestável honestidade, mas também na sua aparência bonita e clara, nos seus olhos brilhantes, no sobrolho e cabelo negros, nas faces brancas e na tez sadia havia qualquer coisa que produzia um efeito físico de amizade e animação às pessoas que lidavam com ele. «Ah! Steve! Oblônski! Olha quem está aqui!», diziam quase sempre com um sorriso alegre quando o viam. Mesmo que acontecesse descobrirem, depois de uma conversa com ele, que afinal nada houvera de especialmente alegre, no dia seguinte, ou noutro, voltavam a recebê-lo com o mesmo contentamento.

Exercendo mais de dois anos o cargo do chefe de um dos departamentos de Moscovo, Stepan Arkáditch ganhou, além do amor, também o respeito dos colegas, dos subordinados, dos superiores e, em geral, de todos que lidavam com ele. As qualidades principais que o fizeram merecer este respeito geral no serviço consistiam, em primeiro lugar, numa extraordinária condescendência para com outros, baseada na consciência dos seus próprios defeitos; em segundo lugar, num absoluto liberalismo, que não era o mesmo dos jornais lidos por ele, mas o que transportava no sangue e se reflectia numa atitude completamente igual para com todas as pessoas, fossem de que condição fossem; e em terceiro e mais importante lugar: na sua plena indiferença em relação ao trabalho que fazia, pelo que nunca se entusiasmava e nunca cometia erros.

Ao chegar ao serviço, Stepan Arkáditch, acompanhado pelo reverencioso porteiro, passou com a pasta para o seu pequeno gabinete, vestiu a farda e entrou na sala de reuniões. Todos os escrivães e funcionários se levantaram, curvando-se em vénias de respeito e alegria. Stepan Arkáditch, como fazia sempre, dirigiu-se apressadamente para o seu

lugar, cumprimentou os membros do conselho com um aperto de mãos e sentou-se. Conversou e brincou com eles, tanto quanto era conveniente, e começou a trabalhar. Ninguém como Stepan Arkáditch sabia encontrar com maior exactidão o limite das liberdades, da simplicidade e da formalidade necessário para trabalhar de modo agradável. O secretário aproximou-se com uns papéis, alegre e respeitoso como toda a gente da repartição de Stepan Arkáditch, e disse naquele tom familiar e liberal que fora instituído ali pelo seu chefe:

— Conseguimos finalmente os dados da Administração da província de Penza. Faça o favor, aqui estão...

— Receberam-nos finalmente? — disse Stepan Arkáditch, pondo o dedo a marcar a folha. — Bem, meus senhores... — E a audição começou.

«Se eles soubessem — pensava ele, inclinando a cabeça com ar significativo, enquanto ouvia o relatório — que figura de rapazinho culpado fez o seu presidente há coisa de trinta minutos!» — E os seus olhos riam. O trabalho tinha de continuar sem interrupções até às duas, depois seria o intervalo para o almoço.

Ainda não eram duas horas quando a grande porta envidraçada da sala se abriu e alguém entrou. Todos os membros do conselho, sentados debaixo do retrato e atrás do *zertsalo**, contentes com aquela distração, olharam para a porta; mas o guarda expulsou o intruso de imediato e fechou a porta.

Depois de o processo em análise ser lido, Stepan Arkáditch levantou-se, espreguiçou-se e, pagando o tributo ao liberalismo do seu tempo, tirou um cigarro logo ali, na sala de reuniões, e saiu para o seu gabinete. Dois adjuntos, o velho funcionário Nikítin e o *Kammerjunker** Grinévitsh, saíram com ele.

— Depois do almoço teremos tempo de acabar — disse Stepan Arkáditch.

— Com certeza! — disse Nikítin.

— Esse Fomin é, por tudo, um grande malandro — disse Grinévitsh, referindo-se a um dos indivíduos do processo que estavam a examinar.

Stepan Arkáditch, a estas palavras de Grinévitsh, franziu a cara, dando a entender que era inconveniente exprimir o seu parecer antecipadamente, e não lhe respondeu.

— Quem foi que entrou? — perguntou ao guarda.

— Um qualquer, Excelência, que mal virei a cara entrou sem pedir licença. Perguntou por Vossa Excelência. Eu disse: quando os assessores saírem...

— Onde está ele?

— Saiu ao vestíbulo, suponho, mas antes andou por aí. É este mesmo — disse o guarda, apontando para um homem de compleição

robusta, espadaúdo, com a barba encaracolada, que, sem tirar o gorro de carneiro, subia num passo leve e rápido os degraus gastos da escada de pedra. Um dos funcionários que descia a escada, homem macilento com uma pasta na mão, deteve-se e olhou com desaprovação para os pés em passo de corrida do sujeito e, depois, interrogativamente, para Oblônski.

Stepan Arkáditch estava no cimo da escada. A sua cara, cheia de benevolência radiosa por trás da gola bordada da farda, iluminou-se ainda mais quando reconheceu o homem.

— É mesmo ele! Lióvin*, até que enfim! — exclamou com um sorriso amigável e irónico, observando Lióvin que subia ao seu encontro. — Como é que não tiveste repugnância de me visitar neste *covil*? — disse Stepan Arkáditch e não se limitou a apertar a mão do amigo: deu-lhe um beijo. — Há muito que chegaste?

— Cheguei há pouco e quis muito ver-te — respondeu Lióvin, olhando em volta com timidez e, ao mesmo tempo, inquietude e irritação.

— Então, vamos para o meu gabinete — disse Stepan Arkáditch que conhecia muito bem a timidez raivosa e cheia de amor-próprio do seu amigo; agarrou-o pela mão e arrastou-o atrás de si, como que guiando o amigo no meio de perigos vários.

Stepan Arkáditch e quase todos os seus conhecidos tratavam-se por tu: fossem velhos sexagenários, rapazes de vinte anos, actores, ministros, comerciantes, generais ajudantes-de-campo do imperador, pelo que muitos com quem se tratava por tu se encontravam nos extremos opostos da hierarquia social e ficariam muito surpreendidos se soubessem que, através de Oblônski, tinham algo em comum entre eles. Tratava-se por tu com toda a gente com quem bebia champanhe, e ele bebia champanhe com todo o mundo; por isso, ao encontrar-se na presença dos seus subordinados com os seus «*tus vergonhosos*», como chamava por brincadeira a muitos dos seus compinchas, sabia, com a delicadeza própria dele, mitigar o desagrado desta impressão nos seus subordinados. Lióvin não era um «tu vergonhoso», mas Oblônski, com o seu tacto, sentiu que Lióvin pensava não ser desejável para o amigo manifestar a sua familiaridade com ele à frente dos subordinados; por isso Stepan Arkáditch se apressou a levar Lióvin para o gabinete.

Lióvin era quase da mesma idade de Oblônski, e tuteavam-se não só por causa do champanhe. Lióvin era o seu amigo e companheiro desde a primeira juventude. Gostavam um do outro, apesar das diferenças de carácter e gostos, mantendo vivo aquele sentimento habitual entre amigos da primeira juventude. Todavia, como acontece muitas vezes entre os homens que escolheram actividades diferentes, cada um deles, embora justificasse no seu raciocínio a actividade do outro, no fundo da alma

desprezava-a. Cada um imaginava que a vida que ele próprio levava era a única verdadeira, sendo a vida do amigo apenas uma químera. Oblônski, ao ver Lióvin, não continha um ligeiro sorriso irónico. Não era a primeira vez que encontrava Lióvin em Moscovo, vindo da sua aldeia para tratar de qualquer coisa na capital, mas o quê, precisamente, isso nunca Stepan Arkáditch chegou a perceber bem. Aliás, não lhe interessava. Lióvin vinha sempre a Moscovo com pressa, emocionado, um pouco constrangido e irritado com este seu constrangimento, e quase sempre com pontos de vista novos, absolutamente inesperados. Stepan Arkáditch ria-se disso e gostava disso. Lióvin, por seu lado, desprezava do fundo da alma tanto o modo de vida urbano do seu amigo como o seu serviço, que considerava uma inutilidade, ridicularizando-o. A diferença consistia em que Oblônski, fazendo o que fazia toda a gente, ria convencidamente e sem maldade, enquanto Lióvin o fazia sem convicção e, por vezes, com raiva.

— Há muito que esperamos por ti — disse Stepan Arkáditch, entrando no gabinete e largando a mão de Lióvin, como que para mostrar que ali já os perigos tinham passado. — Tenho muito, muito prazer em ver-te — continuou. — Então, como estás? Tens passado bem? Quando chegaste?

Lióvin continuava calado, olhando para as caras dos dois colegas de Oblônski, que não conhecia, e sobretudo para a mão do elegante Grinévitich, com dedos tão brancos e finos, com unhas tão amarelas e compridas, curvadas nas pontas, e com botões de punho tão grandes e brilhantes que aquelas mãos, pelos vistos, absorviam toda a sua atenção e não o deixavam pensar livremente. Oblônski reparou nisso de imediato e sorriu.

— Ah, sim, permite que te apresente os meus colegas — disse ele: — Filipp Ivánitch Nikítin, Mikhaíl Stanislávitch Grinévitich. — Depois, virando-se para Lióvin: — Membro do *zemstvo**, da nova geração, atleta capaz de levantar cinco arrobas com uma mão, criador de gado, caçador e meu amigo: Konstantin Dmítritch Lióvin, irmão de Serguei Ivánitch Kóznichev.

— Muito prazer — disse o velho.

— Tenho a honra de conhecer o seu irmão Serguei Ivánitch — disse Grinévitich, estendendo a Lióvin a sua mão fina de unhas compridas.

Lióvin carregou o sobrolho, apertou-lhe a mão com frieza e logo a seguir virou-se para Oblônski. Embora tivesse um grande respeito pelo seu irmão uterino, escritor conhecido em toda a Rússia, não suportava que se dirigissem a ele não como a Konstantin Lióvin, mas como irmão do famoso Kóznichev.

— Não, já não participo na autarquia. Zanguiei-me com todos e deixei de ir às reuniões — disse, dirigindo-se a Oblônski.

— Não os aturaste por muito tempo! — disse este com um sorriso.
— Mas porquê? O que aconteceu?

— É uma longa história. Um dia ainda ta conto — disse Lióvin, mas começou a contá-la logo a seguir. — Em breves palavras, convenci-me de que não há nem pode haver qualquer actividade autárquica — disse, como se alguém acabasse de o insultar. — Por um lado, é um jogo infantil, brincam aos parlamentos, e eu não sou suficientemente jovem nem suficientemente senil para me divertir com brincadeiras; por outro (titubeou) lado, é um meio de sacar lucros para a *côterie*² distrital. Dantes eram as tutorias e os tribunais, agora é a autarquia... E não em forma de subornos, mas na forma de vencimento não merecido — disse com tanto ardor como se algum dos ouvintes estivesse a contestar a sua opinião.

— Eh-eh-eh! Estou a ver que entraste numa nova fase, a conservadora — disse Stepan Arkáditch. — Aliás, falemos disso mais tarde.

— Sim, mais tarde. Mas precisei de te ver — disse Lióvin, perscrutando com ódio a mão de Grinévitich.

Stepan Arkáditch sorriu quase imperceptivelmente.

— Então... disseste uma vez que nunca mais te ias vestir à moda europeia, não disseste? — observou, passando os olhos pelo seu fato novo, feito, pelos vistos, por um alfaiate francês. — Bem! Quer-me parecer que é uma nova fase.

Lióvin corou de repente, não como costumam corar as pessoas adultas — ligeiramente, sem darem por isso — mas como coram os rapazinhos: sentindo-se ridículos na sua timidez e, em consequência, envergonhando-se e corando ainda mais, quase até às lágrimas. E era tão estranho ver a sua cara inteligente e viril neste estado infantil que Oblônski evitou olhar para ele.

— Mas onde vamos encontrar-nos? É que preciso mesmo, preciso muito de falar contigo — disse Lióvin.

Oblônski ficou como que pensativo.

— Ouve: vamos ao Gúrin*, almoçamos e falamos. Até às três estou livre.

— Não — respondeu Lióvin depois de reflectir um pouco —, tenho de ir ainda a um sítio.

— Bem, então vamos jantar juntos.

— Jantar? Mas não é nada de especial, apenas duas palavras, uma pergunta, depois é que vamos conversar.

— Está bem, diz lá então agora as tuas duas palavras, e a conversa será durante o jantar.

— As duas palavras são... — disse Lióvin —, aliás, nada de especial.

² Aqui: corja (fr.).

A sua cara tomou de repente uma expressão raivosa, proveniente do esforço de ultrapassar a timidez.

— Como estão os Cherbátski? Estão na mesma? — perguntou.

Stepan Arkáditch que, desde há muito, sabia que Lióvin estava apaixonado pela sua cunhada Kitty, sorriu ligeiramente e os seus olhos brilharam com alegria.

— Disseste duas palavras, mas não posso responder-te em duas palavras porque... Desculpa, um momentinho...

O secretário entrou com ar respeitoso mas familiar e uma certa consciência modesta, comum a todos os secretários, da sua superioridade pericial em relação ao chefe, aproximou-se de Oblónski com uns papéis na mão e começou, fingindo que precisava de um esclarecimento, a explicar um ponto complicado. Stepan Arkáditch, sem ter ouvido até ao fim, pôs carinhosamente a mão na manga do secretário.

— Não, faça como lhe tenho dito, por favor — disse, suavizando a sua observação com um sorriso, e depois de lhe explicar resumidamente como compreendia o problema, afastou os papéis e acrescentou: — Por favor, faça assim mesmo. Assim mesmo, Zakhar Nikítitch, por favor.

O envergonhado secretário retirou-se. Lióvin que, durante a discussão com o secretário, já tinha superado o seu embaraço, estava de pé, apoiando-se com ambas as mãos no espaldar da cadeira, e uma atenção irónica desenhava-se-lhe na cara.

— Não compreendo, não compreendo — disse ele.

— O que é que não compreendes? — disse Oblónski com o mesmo sorriso alegre, tirando um cigarro. Estava à espera de mais alguma extravagância de Lióvin.

— Não compreendo o que vocês fazem aqui — disse Lióvin, encalhando os ombros. — Como é que podes levar isto a sério?

— Porquê?

— Porque não é trabalho nenhum.

— Isso é o que tu pensas, mas estamos cheios de trabalho.

— De papelada. Aliás, tens talento para isso — retorquiu Lióvin.

— Ou seja, achas que me falta qualquer coisa?

— Talvez — disse Lióvin. — Mesmo assim admiro a tua grandeza e orgulho-me de um grande homem ser meu amigo. A propósito, não respondeste à minha pergunta — acrescentou, olhando Oblónski nos olhos com uma tensão desesperada.

— Está bem, está bem. Espera, ainda vais perceber que isto é necessário. Porque para ti é fácil: doze mil jeiras de terra no distrito de Karazin, esses músculos e essa frescura de uma moça de doze anos... Mas também tu hás-de cá vir para o pé de nós. Bem, a tua pergunta: lá não mudou nada, mas é pena não os visitares há tanto tempo.

— Mas porquê? — perguntou Lióvin, assustado.
— Por nada — respondeu Oblônski. — Depois falamos. Mas, na verdade, porque foi que vieste?
— Ah, disso também falamos depois — disse Lióvin, voltando a ficar corado como uma papoila.
— Está bem. Compreendo... Ouve: gostaria de te convidar lá para casa, mas a minha mulher está adoentada. A propósito: se quiseses vê-los, pode ser no Jardim Zoológico, das quatro às cinco. Kitty vai para lá patinar. Vai, e vou buscar-te lá, e jantamos os dois nalgum lado.
— Ótimo. Então, até breve.
— Vê lá, já te conheço, és capaz de te esquecer ou de te safares de repente para a aldeia! — gritou Stepan Arkáditch, rindo.
— Não, não me esqueço.
E, lembrando-se apenas à porta que não se despedira dos colegas de Oblônski, Lióvin saiu do gabinete.
— Parece que este senhor é muito enérgico — disse Grinévitich quando Lióvin saiu.
— Sim, é mesmo — disse Stepan Arkáditch, meneando a cabeça.
— Que felizardo! Doze mil jeiras no distrito de Karazin, tudo pela frente, e esta frescura! Nada que se compare connosco.
— O Stepan Arkáditch está a queixar-se?
— Pois, estou péssimo, estou mal — disse Stepan Arkáditch com um suspiro penoso.

6

Quando Oblônski perguntou a Lióvin a razão por que viera, Lióvin corou e irritou-se consigo próprio por ter corado, porque não lhe podia responder: «Vim pedir em casamento a tua cunhada», embora tivesse vindo precisamente para isso.

As casas dos Lióvin e dos Cherbátski eram da fidalguia antiga de Moscovo e sempre mantiveram relações de estreita amizade. Esta relação firmou-se ainda mais durante os anos universitários de Lióvin. Preparou-se e ingressou na faculdade juntamente com o jovem príncipe Cherbátski, irmão de Dolly e Kitty. Naquela altura, Lióvin frequentava muito os Cherbátski e apaixonou-se por aquela casa. Por mais estranho que pareça, Konstantin Lióvin estava apaixonado precisamente pela casa, pela família, sobretudo pela metade feminina da família. Lióvin nem se lembrava da mãe, e a sua única irmã era mais velha do que ele, assim foi em casa dos Cherbátski que viu, pela primeira vez, o ambiente da velha família fidalga, culta e honesta de que fora privado pela morte dos pais. Então, era

como se todos os membros desta família, sobretudo a metade feminina, estivessem encobertos por uma misteriosa e poética cortina, e não só não via neles os hipotéticos defeitos, mas ainda imaginava por trás dessa poética cortina os mais sublimes sentimentos e perfeições de todo o género. Para que precisavam essas três meninas de falar, alternadamente, um dia em francês, outro em inglês; para que, a horas determinadas, tocavam piano, cada uma por sua vez, e os sons da música ouviam-se sempre em cima, no quarto do irmão, onde ele e os seus colegas estudavam; para que iam lá a casa esses professores de literatura francesa, de música, de pintura, de dança; para que, a horas certas, todas as três meninas, de peliças forradas de cetim — Dolly de peliça comprida, Nathalie com uma de meio corpo e Kitty com a sua muito curta que lhe deixava à vista as pernas esbeltas de meias vermelhas muito justas, iam de caleche ao bulevar Tverskói acompanhadas por *mlle* Linon; para que deviam passear pelo bulevar Tverskói acompanhadas por um laçao com um cocar dourado no chapéu — tudo isso e muitas outras coisas que se faziam na casa misteriosa ficava fora da compreensão de Lióvin, mas ele sabia que tudo o que ali se passava era maravilhoso e estava apaixonado precisamente por esse mistério.

Nos anos universitários, por pouco não se apaixonou pela irmã mais velha, Dolly, mas não tardou que a casassem com Oblônski. Depois, quase se apaixonou pela segunda irmã. Parecia que tinha necessidade de se apaixonar por uma delas, somente nunca mais se decidia por qual. Mas também Nathalie, mal começou a frequentar a sociedade, casou-se com o diplomata Lvov. Quanto a Kitty, era ainda criança quando Lióvin acabou o curso. O jovem Cherbátski entrou na Marinha e morreu afogado no mar Báltico, e os encontros de Lióvin com a família Cherbátski, apesar da sua amizade com Oblônski, tornaram-se mais raros. Porém, quando no início deste Inverno, depois de um ano passado na aldeia, Lióvin foi a Moscovo e visitou os Cherbátski, compreendeu qual das irmãs lhe estava destinada para se apaixonar.

Aparentemente, não havia nada mais fácil para ele, homem de boa linhagem, mais rico do que pobre, de trinta e dois anos de idade, do que pedir em casamento a jovem princesa Cherbátskaia; o mais provável era que fosse imediatamente reconhecido como um bom partido. Mas Lióvin estava apaixonado, por isso lhe parecia que Kitty era de tal modo perfeita em todos os sentidos, superior a tudo o que era terreal, enquanto ele próprio era uma criatura terrena e inferior, que era impensável esperar que a própria Kitty e os outros o reconhecessem digno dela.

Ao passar, como inebriado, dois meses em Moscovo, durante os quais viu Kitty quase todos os dias nos salões da sociedade que começara a frequentar apenas para a ver, Lióvin concluiu de repente que não tinha hipótese e partiu para a aldeia.

A convicção de que não tinha hipótese assentava em que ele, Lióvin, era, aos olhos da família Cherbátski, um partido pouco vantajoso, indigno da encantadora Kitty, e que a própria Kitty não podia amá-lo. Aos olhos desta família, ele, aos seus trinta e dois anos, não tinha qualquer actividade permanente e definida nem uma posição firme na sociedade, enquanto os seus companheiros coevos já eram — um, coronel e ajudante-de-campo do imperador, outro, professor doutor, um terceiro, chefe respeitável, director de banco e dos caminhos-de-ferro, ou presidente do conselho num departamento, como Oblónski; no entanto Lióvin (sabia muito bem o que devia parecer aos outros) era um proprietário rural que se dedicava à criação de vacas, à caça às narcejas e à construção na aldeia, numa palavra, um medíocre que não se fez ninguém e que, na opinião da sociedade, era o mesmo que as pessoas sem qualquer valor.

A encantadora e misteriosa Kitty não podia amar um homem tão desinteressante como ele era, do seu próprio ponto de vista, mas em primeiro lugar um homem tão simples, que não se destacava em nada. Além do mais, as suas antigas relações com Kitty — de um adulto com uma criança —, em resultado da amizade com o irmão dela, pareciam-lhe mais um obstáculo para o amor. Achava que era possível ela gostar de um homem feio e bondoso (assim se via a si próprio) como de um bom amigo, mas para desfrutar do mesmo amor que ele dedicava a Kitty era preciso ser não só um bonito, mas sobretudo uma pessoa especial.

Ouviu dizer que as mulheres, muitas vezes, gostavam de homens feios e simples, mas não acreditava nisso porque julgava pelos seus próprios sentimentos — ele próprio só era capaz de amar mulheres belas, misteriosas e especiais.

Contudo, depois de passar dois meses na aldeia, convenceu-se de que não se tratava, desta vez, de uma daquelas paixonetas que experimentara na sua primeira juventude; de que o seu sentimento não lhe dava nem um minuto de sossego; de que não podia viver sem ter resolvido a questão de ela vir a ser ou não a sua mulher; e de que o seu desespero provinha apenas da sua imaginação, e de que não tinha quaisquer provas de que seria rejeitado. E foi a Moscovo com a firme decisão de apresentar o seu pedido de casamento e, se fosse aceite, de se casar. Ou então... era incapaz sequer de pensar o que seria dele em caso de recusa.

7

Chegando a Moscovo no comboio da manhã, Lióvin ficou em casa de Kóznichev, seu irmão uterino; mudou de roupa e foi ao gabinete do irmão com a intenção de lhe contar ao que viera e de lhe pedir conselho;

mas o irmão não estava sozinho. Estava com ele um conhecido professor de filosofia, vindo de Khárkov precisamente para esclarecer um mal-entendido que surgira entre eles numa questão filosófica sumamente importante. O professor mantinha uma ferosa polémica com os materialistas, e Serguei Kóznichev seguia esta polémica com interesse; tendo lido o último artigo do professor, expôs-lhe numa carta as suas objecções: censurava o professor por ter feito demasiadas cedências aos materialistas. Então, o professor veio de imediato, para esclarecerem o problema. Tratava-se de uma questão em voga: existia ou não uma fronteira entre os fenómenos psíquicos e fisiológicos na actividade humana? E por onde passava essa fronteira?

Serguei Ivánovitch recebeu o irmão com o seu sorriso carinhoso mas frio, habitual no seu trato com toda a gente, e, depois de o apresentar ao professor, continuou a conversa.

O homenzinho de cara amarela, fronte estreita e de óculos, distraiu-se por um momento da conversa para cumprimentar Lióvin e continuou o seu discurso sem lhe prestar mais atenção. Lióvin sentou-se, esperando que o professor se fosse embora, mas passado um pouco a conversa despertou-lhe interesse.

Lióvin já tinha visto nos jornais os artigos de que estavam a falar e lera-os com o interesse do perito formado na universidade em ciências naturais, e o interesse também pelo desenvolvimento das suas bases, mas nunca tinha ligado essas conclusões científicas sobre a origem do homem, os reflexos, a biologia e a sociologia com aquelas questões da vida e da morte que, nos últimos tempos, lhe surgiam na mente cada vez mais amiúde.

Ouvindo a conversa do irmão com o professor, reparou que eles relacionavam os problemas científicos com os da alma, aproximando-se bastante, por várias vezes, dessas questões, mas logo que ficavam perto do que, na opinião dele, era o mais importante, logo se afastavam disso apressadamente, voltando a aprofundar-se na área de minuciosas classificações, de ressalvas, citações, insinuações, alegações de autoridades na matéria, e era-lhe difícil compreender de que se tratava.

— Não admito — disse Serguei Ivánovitch com a clareza e nitidez de expressão e a pronúncia elegante próprias dele —, não concordo, de maneira nenhuma, com a afirmação de Keiss segundo a qual toda a minha noção do mundo exterior decorreria das impressões. A minha noção de existência mais fundamental não foi recebida por mim pela via sensorial porque não existe sequer um órgão especial para a transmissão dessa noção.

— Sim, mas eles, Wurst, Knaust e Pripássov, vão responder-lhe que a sua consciência da existência decorre do conjunto de todas as sensações,

que esta consciência da existência é um resultado de sensações. Wurst chega a dizer directamente que quando não há sensações não há também uma noção da existência.

— Eu diria o contrário... — recomeçou Serguei Ivánovitch.

Então, Lióvin ficou de novo com aquela ideia de que eles, tendo-se aproximado do mais importante, começaram a afastar-se mais uma vez, e atreveu-se a fazer ao professor uma pergunta.

— Quer dizer que, se os meus sentimentos foram eliminados, se o meu corpo morreu, não pode haver existência nenhuma? — perguntou.

O professor, com desgosto e uma espécie de dor intelectual por ter sido interrompido, virou a cabeça para o estranho interpelador, mais parecido com um *burlak** do que com um filósofo, e desviou os olhos para Serguei Ivánovitch, como que a perguntar-lhe: há aqui alguma coisa a dizer? Mas Serguei Ivánovitch, que tinha falado com muito menos insistência e unilateralidade do que o professor, tendo ainda na cabeça algum espaço não só para responder ao professor, mas ainda para compreender o simples e natural ponto de vista com que Lióvin fizera a sua pergunta, sorriu e disse:

— Ainda não temos direito de resolver este problema...

— Não temos dados para isso — apoiou-o o professor e continuou a expor os seus argumentos. — Não — disse ele —, aponto para o seguinte: mesmo que a sensação tenha na sua base uma impressão, no que Pripásov insiste directamente, devemos distinguir rigorosamente estes dois conceitos.

Lióvin deixou de ouvir, esperando apenas que o professor se fosse embora.

8

Quando o professor saiu, Serguei Ivánovitch disse ao irmão:

— Estou muito contente por teres vindo. Quanto tempo ficas cá? As coisas na propriedade correm bem?

Lióvin sabia que a propriedade interessava pouco ao irmão e que a pergunta tinha sido feita só por delicadeza; por isso respondeu apenas com a referência à venda do trigo e aos rendimentos.

Lióvin queria falar com o irmão sobre a sua intenção de se casar e pedir-lhe conselho, e decidira firmemente ter esta conversa; porém, quando viu o irmão e ouviu a sua discussão com o professor, quando ouviu a seguir o tom protector com que o irmão lhe fez perguntas sobre a economia da propriedade (a herdade da mãe não foi partilhada entre os irmãos, e Lióvin tratava de ambas as partes), Lióvin sentiu que, por

qualquer razão, era incapaz de encetar a conversa sobre a sua decisão de se casar. Sentia que o irmão não veria o assunto como ele o desejava.

— Então, como está a vossa autarquia local? — perguntou Serguei Ivánovitch, que se interessava muito por este aspecto, atribuindo grande importância aos conselhos autárquicos locais.

— Se queres que te diga, não sei...

— Como? Não és membro do conselho?

— Não, já não sou; demiti-me — respondeu Konstantin Lióvin —, e deixei de ir às reuniões.

— É pena! — disse Serguei Ivánovitch, carregando o sobrolho.

Lióvin, justificando-se, começou a contar o que acontecia nas reuniões no seu distrito.

— Sempre a mesma história! — interrompeu-o Serguei Ivánovitch. — Entre nós, os russos, é sempre assim. Talvez a capacidade de ver os nossos defeitos seja uma óptima qualidade, mas exageramos, satisfazemo-nos com a ironia que temos sempre na ponta da língua. Posso dizer-te apenas que, se os mesmos direitos que têm as nossas instituições da administração electiva rural fossem dados a algum outro povo europeu, os alemães e os ingleses, apoiando-se nelas, teriam conseguido a liberdade, mas nós apenas ironizamos.

— Mas o que posso eu fazer? — disse Lióvin com ar culpado. — Foi a minha última experiência. Tentei com toda a sinceridade. Não consigo. Sou incapaz.

— Incapaz — disse Serguei Ivánovitch. — Estás a ver as coisas de maneira errada.

— Talvez — respondeu Lióvin, desanimado.

— A propósito, o nosso irmão Nikolai está outra vez aqui.

Nikolai era irmão mais velho de Konstantin Lióvin e irmão uterino de Serguei Ivánovitch. Era um homem perdido que desbaratou a maior parte da sua fortuna, vivia no meio de pessoas muito estranhas e suspeitas e se zangou com ambos os irmãos.

— Não me digas! — exclamou Lióvin, aterrorizado. — Como é que sabes?

— Prokófi viu-o na rua.

— Aqui, em Moscovo? E onde está ele? Não sabes? — Lióvin levantou-se da cadeira, como que tencionando ir de imediato.

— Lamento ter-te dito isso agora — disse Serguei Ivánovitch, vendo a emoção do irmão e abanando a cabeça. — Já mandei saber onde está alojado e enviei-lhe uma letra que ele dera a Trúbin e que eu pagara. Vê o que ele me respondeu.

E Serguei Ivánovitch estendeu a Lióvin um bilhete, tirado de baixo do pesa-papéis.

Lióvin leu o bilhete escrito na letra estranha e tão familiar do irmão: «Peço encarecidamente que me deixem em paz. É a única coisa que exijo aos meus queridos irmãos. Nikolai Lióvin.»

Lióvin leu e, sem levantar a cabeça, ficou parado em frente de Serguei Ivánovitch.

Digladiavam-se-lhe na alma o desejo de esquecer o desgraçado irmão e a consciência de que isso seria feio.

— Pelos vistos, quer insultar-me — continuou Serguei Ivánovitch —, mas não me pode insultar, e gostaria de ajudá-lo do fundo do coração, mas sei que é impossível.

— Sim, sim — repetiu Lióvin. — Compreendo e respeito a tua atitude; mas vou ter com ele.

— Vai, se é a tua vontade, mas não to aconselho — disse Serguei Ivánovitch. — Ou seja, não se trata de mim, não tenho medo de que ele te disponha contra mim, preocupo-me apenas contigo, e aconselho-te a não ires. Ajudá-lo é impossível. De resto, tu é que sabes.

— Se calhar é impossível ajudá-lo, mas sinto, sobretudo neste momento... Bem, é outra coisa... sinto que não posso estar calmo.

— Bem, isso para mim é que já é incompreensível — disse Serguei Ivánovitch. — Compreendo apenas uma coisa — acrescentou: — que é uma lição de humildade. Comecei a encarar o que se chama ignomínia de modo diferente, com maior condescendência, quando o mano Nikolai se tornou o que é agora... Bem sabes o que ele fez...

— Ah, é terrível, terrível! — repetiu Lióvin.

Depois de o lacio de Serguei Ivánovitch lhe ter dado o endereço do irmão, Lióvin queria ir de imediato, mas ponderou o assunto e resolveu adiar a visita até à noite. Antes de mais, para ter a alma tranquila, era necessário resolver a questão pela qual viera a Moscovo. Da casa do irmão, Lióvin foi ao departamento de Oblônski e, depois de ouvir as respostas sobre os Cherbátski, foi ao tal sítio onde, como lhe disseram, podia encontrar Kitty.

9

Às quatro, sentindo como lhe palpitava o coração, Lióvin apeou-se da carruagem de praça junto ao Jardim Zoológico e meteu pela vereda até aos montes de gelo e à pista de patinagem, tendo certeza de que ia encontrar Kitty ali porque viu o coche dos Cherbátski à entrada.

O dia estava claro e frio. Junto à entrada, estendiam-se filas de coches, trenós, charretes de praça, gendarmes. A gente *bem*, brilhando-lhes os chapéus sob os raios do sol, acumulava-se à entrada e caminhava pelos car-

reiros limpos de neve, no meio de casinhas ao estilo russo com as cumeeiras talhadas; as velhas bétulas encaracoladas do jardim, com todos os ramos descaídos sob o peso da neve, pareciam ataviadas com novas vestes solenes.

Lióvin ia pelo carreiro na direção da pista e dizia para si próprio: «Não deves emocionar-te, tens de manter a calma. Porque estás assim? O que é que tens? Cala-te, parvinho», tentava ele convencer o coração. Mas quanto mais tentava acalmar-se, tanto mais se lhe cortava a respiração. Pelo caminho, um conhecido chamou-o pelo nome, mas Lióvin nem sequer percebeu quem foi. Chegou aos montes onde tilintavam as correntes dos trenós que desciam e subiam, ribombavam. As vozes solenes enchiam o ar. Deu mais alguns passos, a pista de patinagem abriu-se diante dele e, no mesmo instante, reconheceu-a no meio dos patinadores.

Percebeu que ela estava ali pela alegria e pelo medo que lhe enchiam o coração. Estava a falar com uma senhora no lado oposto da pista. Não havia, aparentemente, nada de especial na sua roupa nem na sua figura; mas, para Lióvin, reconhecê-la no meio daquela multidão era tão fácil como uma rosa no meio das urtigas. Tudo estava iluminado por ela. Ela era o sorriso que alumiaava tudo à volta. «Será que posso descer até lá, ao gelo, e aproximar-me dela?», pensou Lióvin. O lugar onde ela se encontrava pareceu-lhe um santuário inacessível, e por pouco não arrepiou caminho, tanto era o medo que sentia. Precisou de fazer um esforço para chegar à razão e perceber que muitas e variadas pessoas andavam ali junto dela, que ele próprio também podia ir para lá patinar. Desceu, evitando olhar muito para ela, como para o Sol, mas continuava a vê-la como o Sol, sem olhar.

Neste dia da semana e a esta hora da tarde, reuniam-se no gelo as pessoas do mesmo círculo, conhecendo-se todos uns aos outros. Havia ali quem fosse mestre na patinagem e exibisse a sua arte; havia os principiantes que se apoiavam nos espaldares de cadeiras, andando em passos tímidos e desajeitados; havia os rapazinhos e havia as pessoas idosas que patinavam por considerações higiénicas. Lióvin via-os a todos como felizardos eleitos porque estavam ali, perto dela. Todos os patinadores, ao que parecia, a apanhavam e ultrapassavam, e até, naturais e impassíveis, falavam-lhe e divertiam-se independentemente dela, aproveitando o bom tempo e o ótimo gelo.

Nikolai Cherbátski, primo de Kitty, de jaqueta curta e pantalonas justas, com os patins nos pés, estava sentado no banco e, ao ver Lióvin, gritou-lhe:

— A-a, o maior patinador russo! Há muito que chegou? O gelo está perfeito, ponha os patins.

— Não tenho patins — respondeu Lióvin, espantado com este atrevimento e sem-cerimónia na presença dela, e não a perdendo de vista nem

por um segundo, embora não olhasse na sua direcção. Sentia que o sol se aproximava dele. Ela estava a fazer uma curva e, torcendo para dentro os pés estreitinhos de botas altas, com visível timidez, aproximava-se dele deslizando pelo gelo. Um rapazinho de fato à russa, baloiçando energicamente os braços e inclinando-se, estava a ultrapassá-la. Kitty não se mostrava muito segura no gelo; tirando as mãos do pequeno regalo de peles que pendia do cordão, prontas para queda, ao reconhecer Lióvin olhou para ele e sorriu, tanto para ele como por causa do seu próprio medo. Quando a viragem acabou, deu um impulso com o pé flexível e deslizou até Cherbátski; agarrou-se a ele e, sorrindo, acenou para Lióvin com a cabeça. Estava mais bela do que a tinha imaginado.

Quando pensava nela, podia imaginá-la toda como ao vivo, sobretudo o encanto e a expressão de clareza e bondade infantis da sua cabecinha loira, tão descontraída sobre os ombros esbeltos e jovens. A expressão menineira da sua cara, em combinação com a fina beleza da figura, sempre viva na memória dele, constituíam o seu encanto muito especial; mas o que o impressionava, de cada vez, como se fosse uma surpresa, era a expressão dos olhos, meigos, serenos e sinceros, e sobretudo o sorriso que levava Lióvin, sempre, para um mundo mágico onde se sentia enternecido e brando — assim lho evocava a memória — como nalguns dias da sua primeira infância.

— Há muito que chegou? — disse ela, estendendo-lhe a mão. — Obrigada — disse ainda quando ele lhe apanhou o lenço caído do seu regalo.

— Eu? Há pouco, cheguei ontem... ou seja, hoje... — respondeu Lióvin que, por emoção, não percebera de imediato a sua pergunta. — Queria visitá-la — disse e de repente, recordando a intenção com que a procurava, embaraçou-se e corou. — Não sabia que a menina patinava... Patina maravilhosamente.

Kitty olhou para ele com atenção, como se quisesse compreender o motivo do seu embaraço.

— O seu elogio tem um alto valor. Aqui ainda se guarda a memória de que o senhor é o melhor patinador de todos — disse, sacudindo com a mãozinha de luva preta as agulhas de geadas que lhe caíram sobre o regalo.

— Sim, em tempos a patinagem era a minha paixão; ansiava conseguir a perfeição nisso.

— Parece que o senhor faz tudo com paixão — disse ela, sorrindo. — Gostaria muito de o ver a patinar. Ponha os patins, e vamos patinar juntos.

«Patinarmos juntos! Será possível?», pensou Lióvin, olhando para ela.

— Vou pô-los — respondeu.

E foi.

— Há muito que o senhor não aparece — disse o criado do vestiário, segurando-lhe no pé e aparafusando o patim ao salto. — Depois do senhor, já não há nenhum mestre entre estes cavalheiros. Está bem assim? — disse, apertando a correia.

— Está bem, está bem, despache-se, por favor — respondeu Lióvin, contendo a grande custo o sorriso feliz que, sem ele querer, se lhe esboçava na cara. «Sim — pensou —, isto é que é vida, isto é a felicidade! *Juntos*, disse ela, *vamos patinar juntos*. Digo-lhe já? Mas tenho medo de lhe dizer precisamente porque estou feliz, pelo menos em esperança... E como será depois?... Mas é preciso! É preciso, é preciso! Não à fraqueza!»

Lióvin pôs-se em pé, tirou o casaco e, depois de tomar impulso no gelo áspero junto à barraca, saiu para o gelo liso e patinou sem esforço, acelerando, abrandando e orientando a corrida como se movido apenas com a força de vontade. Aproximou-se de Kitty com timidez, mas o sorriso dela voltou a acalmá-lo.

Ela deu-lhe a mão, e seguiram juntos, estugando o passo, e quanto mais aceleravam tanto mais ela lhe apertava a mão.

— Consigo teria aprendido mais depressa, confio em si, não sei porquê — disse ela.

— Também confio em mim quando a apoio — disse Lióvin, mas logo a seguir assustou-se com as suas próprias palavras e corou. Realmente, mal pronunciou esta frase, foi como se o Sol se escondesse por trás das nuvens: todo o carinho desapareceu da cara dela, e Lióvin reconheceu a familiar volubilidade daquela cara, e tal mudança significou também um pensamento tenso: uma ruguinha atravessou a sua fronte lisa.

— Não lhe aconteceu nada de desagradável? Aliás, não tenho direito de perguntar — disse Lióvin apressadamente.

— Mas não tem porquê?... Não, não há nada desagradável — respondeu com frieza e logo acrescentou: — Não viu ainda *mademoiselle* Linon?

— Ainda não.

— Vá cumprimentá-la, gosta muito do senhor.

«O que foi isto? Causei-lhe algum desgosto. Valha-me Deus!», pensou Lióvin e correu até ao banco onde estava sentada uma velha francesa com anéis de cabelo brancos. Sorrindo e mostrando os dentes postiços, recebeu-o como a um velho amigo.

— Sim, crescemos — disse-lhe, apontando com os olhos para Kitty —, e envelhecemos. *Tiny bear*³ já está adulto! — continuou a francesa, rindo, e lembrou a Lióvin a sua brincadeira sobre as três meninas a que ele chamava os três ursos de um conto de fadas inglês. — Não se lembra como costumava dizer?

³ Ursinho (ingl.).

Lióvin não se lembrava absolutamente nada disso, mas a velha há já dez anos que ria com esta brincadeira e gostava dela.

— Mas vá, vá patinar. A nossa Kitty já patina bem, não é verdade?

Quando Lióvin voltou para junto de Kitty, já o rigor abandonara a cara dela, os seus olhos luziam de novo sinceros e carinhosos, mas pareceu a Lióvin que naquele carinho havia um matiz especial, propositadamente calmo. Sentiu tristeza. Depois de falar um pouco da sua velha preceptora e das suas extravagâncias, Kitty perguntou-lhe sobre a sua vida.

— Não se aborrece no Inverno, lá na aldeia? — disse.

— Não me aborreço, tenho muito que fazer — respondeu, sentindo que Kitty estava a subjugar-lo ao seu tom tranquilo de que não seria capaz de se libertar, tal como acontecera no início do Inverno.

— Veio por muito tempo? — perguntou Kitty.

— Não sei — respondeu sem pensar. Veio-lhe à cabeça a ideia de que, se se submetesse a este seu tom de tranquilidade amigável, voltaria a ir-se embora sem resolver nada, e ousou revoltar-se.

— Como é que não sabe?

— Não sei. Depende da menina — disse e, de imediato, aquelas suas palavras deixaram-no horrorizado.

Ou porque não as ouviu, ou porque não quis ouvir essas palavras, foi como se ela tropeçasse, batendo duas vezes com o pé, com pressa de se afastar dele. Foi ter com *mlle* Linon, disse-lhe qualquer coisa e dirigiu-se à casinha onde as senhoras descalçavam os patins.

«Meu Deus, o que eu fui fazer! Deus nosso Senhor! Ajudai-me, ensinai-me», repetia Lióvin, rezando, mas ao mesmo tempo sentindo necessidade de movimento intenso, correndo e desenhando círculos pelo perímetro e no centro.

Então, um dos jovens, o melhor de entre os novos patinadores, saiu do café com o cigarro na boca e, tomando impulso, começou a deslizar de patins pelos degraus, aos saltos estrondosos. Desceu vertiginosamente e, sem mudar sequer a posição livre das mãos, continuou a patinar pelo gelo fora.

— Ah, é uma coisa nova! — disse Lióvin e correu sem demora para cima, pronto a experimentar a novidade.

— Não se magoe, é preciso praticar primeiro! — gritou-lhe Nikolai Cherbátski.

Lióvin subiu ao patamar, tomou o máximo de impulso possível e precipitou-se pela escada abaixo, mantendo com os braços o equilíbrio neste movimento a que não estava acostumado. No último degrau tropeçou, mas, depois de tocar ao de leve o gelo com a mão, fez um movimento forte, recuperou o equilíbrio e, rindo, continuou a correr.

«Querido, simpático», pensou Kitty neste momento, saindo do vestiário juntamente com *mlle* Linon e olhando para ele com um sorriso de manso carinho, como para um irmão querido. «Serei culpada, será que fiz alguma coisa mal? Eles dizem: coquetaria. Sei que não é a ele que amo; mas gosto da sua companhia, é tão querido. Só que... para que disse ele aquela coisa?...», pensou.

Ao ver Kitty, que estava de saída, e a sua mãe que a esperava na escada, Lióvin, vermelho depois da corrida, parou, pensativo. Tirou os patins e foi atrás da mãe e da filha, apanhando-as junto à saída do jardim.

— Muito prazer em vê-lo — disse a princesa. — Recebemos às quintas-feiras, como sempre.

— Portanto, será hoje?

— Teremos muito prazer em vê-lo lá em casa — disse a princesa em tom seco.

Este tom amargurou Kitty, e teve o insuperável desejo de expiar a frieza da mãe. Virou a cabeça para ele e disse com um sorriso:

— Até breve.

Nesse momento, Stepan Arkáditch, de chapéu à banda, a cara e os olhos brilhantes, estava a entrar no jardim com ar de alegre vencedor. Porém, ao aproximar-se da sogra, respondeu às suas perguntas sobre a saúde de Dolly com uma cara triste e culpada. Depois de ter conversado em voz baixinha e tristonha com a sogra, endireitou o tronco e tomou Lióvin pelo braço.

— Então, vamos? — perguntou. — Não tenho parado de pensar em ti, e estou muito, muito contente por teres vindo — disse, olhando-o nos olhos com ar significativo.

— Vamos, vamos — respondeu o feliz Lióvin que continuava a ouvir a voz que lhe dissera «até breve», e a ver o sorriso com que lho dissera.

— Ao «Angleterre» ou ao «Hermitage»?

— Tanto me faz.

— Então, ao «Angleterre» — escolheu Stepan Arkáditch porque ali, no «Angleterre», ficara a dever mais dinheiro do que no «Hermitage» e, por isso, achava feio evitar esse hotel. — Tens coche? Ótimo, mandei embora o meu.

Durante todo o caminho, os amigos guardaram silêncio. Lióvin estava a pensar no que significava essa mudança de expressão no rosto de Kitty e, ora se convencia a si próprio de que havia esperança, ora desesperava e via claramente que a sua esperança era louca, e no entanto sentia-se uma pessoa muito diferente, nada parecida com o que era antes daquele seu sorriso e daquele «até breve».

Stepan Arkáditch, pelo caminho, ia a matutar na ementa.

— Gostas de *turbot**? — perguntou a Lióvin quando estavam a chegar.

— Como? — disse Lióvin. — *Turbot*? Sim, *adoro turbot*.